

Por mim e por Santiago

Caminho Português da Costa

Por mim e por Santiago

Caminho Português da Costa

António Sousa Marques

António Sousa Marques

Por mim e por Santiago

Caminho Português da Costa

Capa: Ana Filipa Marques

ISBN: 9789463868426

Impresso por: Bookmundo

Edição do Autor- 2023

O início

Ainda dominava a noite, mas o brilho e a claridade do lado de lá do rio anunciavam já a chegada do sol e aí estava eu no cais da Gare do Oriente, ansioso pelo início da aventura.

Eram sete horas e daí a alguns minutos deveria chegar o Alfa Pendular que me levaria ao Porto, de onde eu pretendia partir rumo a Santiago de Compostela.



A ideia já me bailava na cabeça há algum tempo e finalmente, algures em Junho, tomei a decisão de fazer o meu **Caminho de Santiago**. As motivações eram várias, desde o desafio físico aos aspectos lúdicos e tempo para auto-reflexão, mas admito que a principal terá sido a de provar a mim próprio que a idade ainda não era impeditiva para encarar novos desafios. E talvez por ter lido recentemente a **Peregrinação** de Fernão Mendes Pinto, o Caminho atraía-me pelo seu lado de descoberta e aventura.

Quando o anunciei à família, a Filipa disse logo que me acompanharia. O que veio a acontecer, embora por limitação nos dias de férias disponíveis só o tenha feito na segunda semana do Caminho.

Consciente das exigências da aventura, nas duas últimas semanas tinha feito caminhadas quase diárias com crescente grau de dificuldade, de modo a adaptar-me ao equipamento e a preparar-me fisicamente.

E sentia-me em grande forma. Preparadíssimo para a aventura!

Dia 1 - Porto a Labruge

Após uma viagem tranquila e confortável, que serviu para ir revendo itinerários e as úteis informações sobre o percurso com recurso às aplicações que já tinha instalado para o efeito, lá cheguei a Campanhã seguindo de imediato num comboio sub-urbano para a centenária estação de São Bento.

Sem me demorar muito a apreciar o bonito átrio, forrado com milhares de azulejos que contam a história dos meios de transporte até ao aparecimento do comboio em Portugal e de grandes painéis com cenas históricas, percorri rapidamente a curta distância até à Sé.

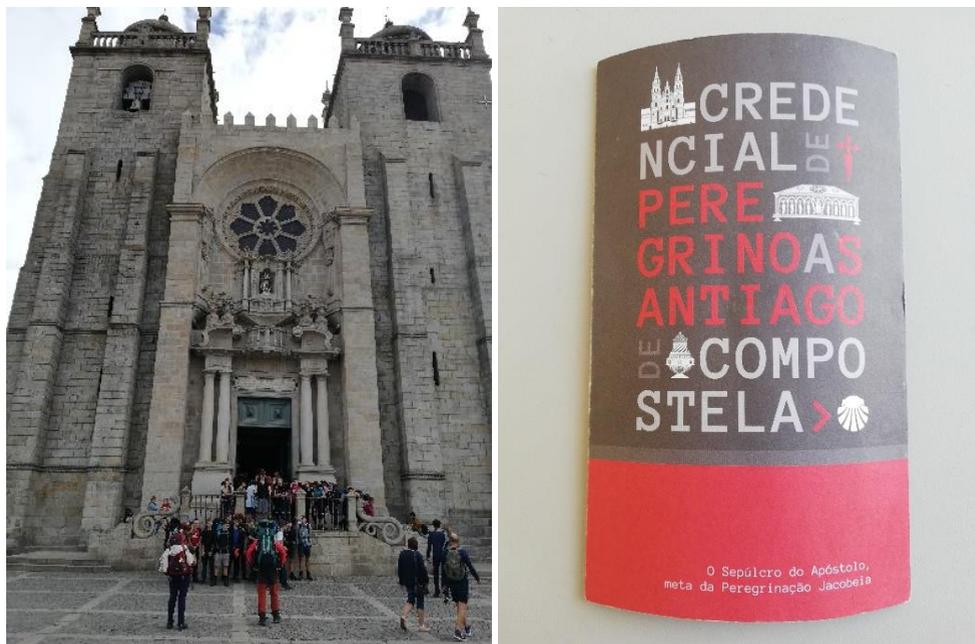


A Catedral do Porto, ou a Sé como é mais conhecida, nasceu no século XII, tal como a primeira cintura de muralhas da cidade, atingindo a sua actual volumetria no século seguinte e sendo posteriormente alterada nos séculos XVII e XVIII de acordo com o gosto barroco. É desse período a transformação do portal de onde sobressai a característica rosácea medieval.



O Terreiro da Sé fervilhava com múltiplos grupos de pessoas, onde predominavam turistas das mais diversas origens, confirmando que o turismo está em grande por todo o lado e que o Porto é destino na moda. Da multidão destacavam-se facilmente os peregrinos para Santiago, artilhadíssimos, de mochila às costas, botas, bastões e em muitos casos, a concha de vieira a servir de crachá de identificação.

Foi com satisfação que me juntei à “confusão” para, conforme planeado, comprar o “passaporte” (a credencial do peregrino) para mim e para a Filipa.



Actualmente a certificação do peregrino é indispensável para poder passar a noite em qualquer dos albergues da Rede Pública de Albergues do Caminho de Santiago e também para solicitar a Compostela na chegada à meta da peregrinação. Para isso deverão ter sido percorridos um mínimo de 100 km a pé ou a cavalo, ou 200 de bicicleta, o que deve ser comprovado com os carimbos que se terão de ir registando na credencial ao longo da viagem.

Antigamente a credencial era basicamente uma carta de recomendação passada pelo padre da paróquia de origem, que atestava a condição de peregrino recomendável a quem se podia oferecer hospitalidade. Servia também como salvo-conduto para as autoridades civis, militares e eclesiásticas ao longo do Caminho.

Tratada essa formalidade, dispus-me então a iniciar o meu caminho. Numa primeira tentativa decidi obter ajuda no posto de turismo junto à Sé, que não serviu de nada pois o mapa que me deram só me confundiu e levou a que andasse algum tempo às voltas até apanhar o rumo certo. Graças a uma *app*, *Camino Tool*, que funcionou óptimamente e foi uma excelente ajuda durante toda a etapa do primeiro dia.

Como era feriado (5 de Outubro) havia pouco trânsito e não tive dificuldades em atravessar o Porto. Voltei a passar junto à estação de São Bento e continuando por ruas repletas de turistas, passei ao lado da Torre dos Clérigos, que com os seus 75m é realmente um inconfundível ex-libris da cidade. Logo a seguir encontro a famosíssima Livraria Lello, com uma “bicha” de dezenas de metros de candidatos a visitantes que aguardavam pacientemente a oportunidade de conhecer aquela que já foi considerada a livraria mais *cool* e a mais bela do mundo.



Quem sabe se com alguma sorte não darão até de caras com o Harry Potter...

Continuando pelo meio da cidade, numa zona em que é evidente a diferença no nível de reabilitação das casas pois não tem nada a ver com o que se passa no centro histórico e deixa ainda muito a desejar, fui continuando em direcção a norte, passando ao lado da Boavista, Prelada, Monte dos Burgos, Seixo, até que, após uma “paragem técnica” no Continente, cheguei ao Padrão da Légua.

E foi sentado num banco dessa renovada praça que tem a particularidade de ligar quatro antigas freguesias do concelho de Matosinhos, que fiz a primeira paragem. Pois embora, como indica o antigo cruzeiro aí existente, já tivesse caminhado uma légua desde que saíra do Porto, mais que cansado eu estava cheio de sede. A solução da garrafa de água na bolsa da mochila não dá jeito nenhum para beber enquanto se caminha, pois é preciso parar para tirar a mochila e o poder fazer.

Numa enorme frutaria ali ao lado comprei umas bananas que saborei acompanhadas dos frutos secos que já levava no farnel.

Mais à frente, no Largo do Souto, onde no passado se realizava a feira de Custóias, já não restava nenhum dos castanheiros que terão dado nome ao local. Mas à sombra de grandes plátanos apresentava-se agora uma animada feira, em que um conjunto de pequenas bancas, mais do que velharias, procurava atrair os clientes com o que me pareceu serem apenas quinquelharias.



A partir daí o percurso não foi propriamente o mais interessante, atravessando zonas urbanas pobres e incaracterísticas e algumas zonas rurais com grandes plantações de milho.

Dos poucos pontos de destaque, registei uma ponte antiga muito bem conservada sobre o Rio Leça: a Ponte Medieval de D. Goimil, construída no local que outrora integrava a antiga via romana que ligava os rios Douro e Ave. Seria, na época da ocupação romana, a mais importante ligação existente entre as localidades do Porto e de Vila do Conde.

Mais à frente, uma vivenda rodeada por imponentes sobreiros, grandes e frondosos, a fazerem lembrar-me do meu Alentejo, com a particularidade de ser evidente que não lhes era retirada a cortiça, como é prática lá para o Sul.



Após ter passado ao lado do aeroporto, fui ultrapassado por um casal de peregrinos que me cumprimentou com o habitual e encorajador *Buen Camino*. Mas algumas centenas de metros depois, pararam à minha espera para me perguntarem se sabia como deveriam seguir pelo Caminho do Norte, pois pelo *GPS* estavam no Caminho da Costa.

Para facilitar a explicação, saquei do meu telemóvel para lhes mostrar que, pela minha aplicação, deveriam ter seguido pela direita na bifurcação que o Caminho faz na Cruz da Légua. Mas explicaram-me que não, pois tinham acabado de aterrar no Aeroporto de Pedras Rubras.

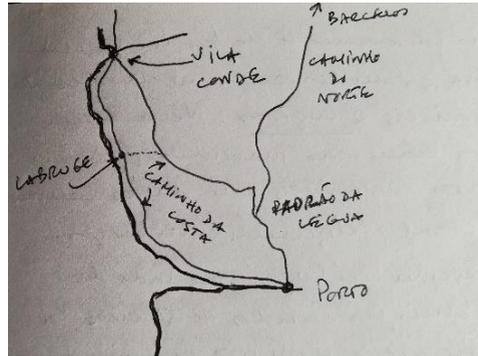
Com a ajuda da *app*, vimos que a solução seria seguirem por uma estrada à direita que os conduziria ao Caminho que pretendiam. Agradeceram a ajuda, dizendo-me que tinham feito o Caminho da Costa dois anos antes e que é realmente *beautiful* e lá seguiram o seu caminho, despendendo-se com o inevitável *Buen Camino*.

Como tive oportunidade de confirmar durante o meu Caminho, mais que uma saudação esta forma de cumprimento funciona como uma senha que nos une, fazendo-nos sentir que, por muitas diferenças que haja entre nós, estamos todos imbuídos de um mesmo espírito e como que irmanados na mesma missão.

Mas nem sempre foi assim. Durante centenas de anos, a saudação mais usada pelos peregrinos no Caminho de Santiago era "*Ultreia*" (vamos mais longe/vamos em frente) para a qual se respondia "*Et Suseia*" (e vamos mais alto/e vamos além).

Após uma longa volta a contornar o aeroporto por estradas e caminhos secundários, atravessei Aveleda e, um ou dois quilómetros à frente, saí do trilho indicado na aplicação para seguir para Labruge conforme tinha planeado. A alternativa seria continuar até Vila do Conde, mas eu receava chegar lá já muito tarde.

Na verdade, e foi coisa que não tinha ficado clara para mim no que li durante a preparação, Labruge não fica na alternativa do caminho da Costa que eu tinha escolhido pois essa segue mais pelo interior, até Vila do Conde. Para ir sempre à beira-mar, quando saí da Sé eu deveria ter seguido ao longo da Ribeira em direção à foz do rio Douro, continuando depois em direcção a Matosinhos, Leça da Palmeira e Angeiras, até chegar à praia de Labruge.



O trajecto é mais longo, 25 vs. 20 km, mas será com certeza a opção mais agradável.

Já em Labruge, com a recepção de uma pequena estátua de uma versão local de Santiago, lá cheguei ao Albergue de S. Tiago de Labruge.



Fui recebido pela Raquel que num inglês fluente me cumprimentou e se disponibilizou para me ajudar. Lá fomos mantendo a conversa em inglês pois fiquei na dúvida se ela seria portuguesa, até que ao fim de algum tempo lhe perguntei: “*E que tal se fálássemos em português?*”

Riu-se e explicou-me que como só muito raramente lá aparece um peregrino português, é sempre em inglês que recebe quem lá chega. E realmente ao assinar o livro de registos vi que era o único português, entre os 21 que já o tinham feito nesse dia.

O Albergue resultou da reconversão de uma antiga escola primária, sendo composto por três grandes salas: uma no rés-do-chão e outras duas no primeiro andar. Cada uma com lugar para oito peregrinos. Para além das camaratas tem como zonas de apoio uma pequena sala com frigorífico, micro-ondas e uma mesa para refeições, mais uma zona com WC e balneários mistos. Básico e funcional!

O pagamento fica ao critério de cada um, sendo o donativo depositado numa caixa que me fez lembrar as de esmolas, nas igrejas.



Apenas estavam disponíveis dois lugares que nem sequer eram em camas individuais, mas sim para partilhar em *sommiers* de casal!!! Felizmente bem largos.

Uma vez que já passava das 4 da tarde, não tinha grandes alternativas e lá escolhi o lugar que vi livre, ao lado de um Checo na casa dos 40-50 anos, a pensar que a noite iria ser ainda mais complicada do que eu tinha imaginado.

Entretanto, quando já resignado com a minha sorte me preparava para me instalar ao lado do Checo de poucas falas, surgiu a oportunidade de tornar as coisas um pouco melhor.

A Raquel, acompanhada por duas “jovens” da minha idade andava de um lado para o outro a contar e recontar os registos e as camas/espacos ocupados, até finalmente descobrir o que se passava: havia 23 lugares ocupados embora só se tivessem registado 22 pessoas (eu incluído).

A explicação era que uma italiana já bem sénior (mais de 80 anos) tinha ocupado dois lugares de forma a reservar um para a filha que ainda vinha a caminho!

Ora uma das regras dos Albergues é que as camas são ocupadas por ordem de chegada, não sendo admitido qualquer tipo de reservas.

Como, entretanto, tinham chegado mais dois peregrinos, a solução seria instalar três das italianas (era um grupo de quatro), nas duas camas individuais que já ocupavam. Nessa altura, eu, que seguia interessadíssimo toda a conversa, intervim propondo, desde que o meu parceiro não se opusesse, a troca da nossa “cama de casal” pelas duas individuais.

Claro que a sugestão teve de imediato aceitação unânime, com muitos agradecimentos e um grande alívio para mim, por me ter livrado de um mais que provável concerto de ressonar em checo.

Quanto à povoação, Labruge é uma pequena freguesia de Vila do Conde com cerca de 3.000 habitantes, em que a paisagem, embora ainda muito rural, mostra bem que tem vindo também a sofrer das alterações que se verificam na generalidade das localidades no litoral, com aumento significativo de construção junto à praia.

Após uma volta pela aldeia, como verifiquei que não havia por ali nenhum restaurante, fui caminhando até à praia e embora estivesse cansado daquele primeiro dia de caminhada, o quilómetro e meio de passeio valeu a pena pois a praia é muito bonita e a zona envolvente está muito bem arranjada.

Para o jantar, ainda com direito a pôr-do-sol, foram umas lulas salteadas que me souberam muito bem.